

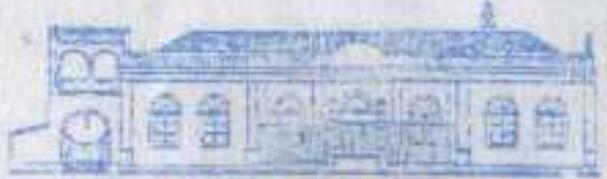
2011

ANTÓNIO ALEIXO

AUTO
DO
CURANDEIRO



1 9 5 0
Tip. de "O Algarve"
F A R O



MUSEU DO TRAJE

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Inv. N.º 5038 Localização 6-4



ANTÓNIO ALEIXO

A Casa do Alcaide
pelo meu a que fizeram
e

AUTO DO CURANDEIRO

eram fazer pela
família do poeta
Cantaleiro.

Lisboa a 21 de 50
Martina Aleixo

FARO - 1950

Prefácio

(Algumas palavras sobre o Poeta, sem considerações apolégicas — que as considero supérfluas — nem pretensões de qualquer ordem, mas simplesmente a tentar ser prestável ao amigo.)

Vi-o pela primeira vez numa manhã, — penso que em 1929 — sentado num banco público desta vila, dedilhando uma guitarra enquanto cantava de improviso. Rodeavam-no meia dúzia de curiosos que lhe davam dinheiro de mistura com aplausos. Foi assim que eu conheci aquele que mais tarde havia de saber guardador de rebanhos, vendedor de cautelas, cantador de feiras e arraiais e senhor duma infelicidade a roçar pelo extraordinário.

Foi-me dado ouvir da boca do Poeta a primeira quadra que deixou adivinhar aos olhos do público, a revelação do Poeta oportunista, incisivo, e que sempre sabia pôr uma amarga ironia na intensidade do contraste. Dessa quadra nasceu a minha admiração pelo artista. Vem talvez a propósito recordá-la na sua curta história e já porque a mesma não é sobremaneira conhecida.

Tinha o Poeta ido assistir a uns Jogos Florais, realizados no Ginásio Club Fareense, s onde concorrera a poesia glosada e em que se classificou em posto assás invejável para êle, que jamais lograra ouvir a sua arte em ambiente tão selecto. — É claro que, dada a sua escassez de recursos; — recursos que lhe permitiriam uma indumentária compatível com as exigências do meio —, foi o Poeta obrigado a solicitar o empréstimo integral da mesma. Na noite do certame, conhecida que foi a humildade da sua cultura e a facilidade intempestiva no improviso, não houve quem regateasse aplausos e homenagens nem quem lhe não tributasse manifestações de carinho. No dia seguinte, de regresso à sua insignificância costumada, já ele comentava de improviso:

*Ontem rei. Hoje sem Irono. X
— Cá ando outra vez na rua!
Entreguei a roupa ao dono
e a miséria continua.*

Cena: Uma sala pobre de estilo camponez, com três ou quatro cadeiras ordinárias, uma cómoda com uma imagem de Cristo e ainda um ou dois baús.

CURANDEIRO

(falando sózinho enquanto remexe nuns sacos e desfaz embrulhos)

Minha querida profissão!
Tiro as almas do inferno
Mas arranjo p'ró inverno
Inda me sobra p'ró verão.

(com ar de admiração)

Olha, também mandam pão!
Não é branco, é branquíssimo...
Tudo é bom que Deus aceite.
E mais dois litros de azeite
P'rá lanterna do Santíssimo!

Olha, aqui vem tudo junto.
Nem sei como não desmato!
Toucinho, chouriço e paio,
Um pedaço de presunto
E as orelhas do defunto...

(agradecido)

Oh! Deus soberano e bendito,
Que me dás arte p'rá cura,
Que trazes tanta fartura
Que quasi não acredito!

(orgulhoso)

DOENTE

Senhor Mestre, eu sinto dores
Na barriga, uns fervores. . . .
E a soltura é permanente.

* CURANDEIRO (persuasivo)

Vou curá-lo de repente.
Com um emplastro no umbigo,
E as orações que lhe digo
Já se salvou muita gente.
Por meio da minha oração
Deus com a sua virtude
Tira o mal, põe a saúde
E o doente fica são.

Sou pessoa sabedora
P'ra emplastrar e benzer,
E o resto Nossa Senhora
Se encarrega de fazer.

(com gestos de benzer)

Satanaz, és um ladrão,
Retira-te Satanaz
Do corpo deste rapaz
E nunca mais voltarás
Depois da minha oração.

(faz sinal para o doente se aproximar)

✓ Chegue-se cá meu amigo
Se acaso curar se quer,
E vá dizendo comigo
Tudo aquilo que eu disser.

CURANDEIRO

(em tom solene, concentrando-se e o Doente repetindo)

✓ Deus me ponha a sua mão
Para eu ser abençoado

✶ E poder ficar curado
Dos males do coração.
A gripe ou constipação,
Ou a espilhela caída.
Ou qualquer coisa parecida
Dos males que as bruxas dão.
— Que cure a dôr de barriga
Que me ataca os intestinos,
Que me livre de lombrigas
Desses bichos assassinos . . .
Que os seus poderes divinos
Me tirem todo o nervoso,
Que eu não morra tihoso
E nem de asma atacado ;
Que não esteja desmanchado,
— E p'ra cura ser radical
E pôr-me em pé mais depressa,
Eu ofereço uma promessa
Para o sobrenatural.
Que Deus não me leve a mal
Se a oferta demorar,
Que não lha posso levar
Sem que me cure primeiro.
Por isso lha mando dar
Pelo Mestre curandeiro
Que de mim está a tratar.

CURANDEIRO

(pondo a mão nas costas do doente e sorrindo)

✶ Agora, meu caro amigo,
Não precisa mais que a fé.
E cumprir o que lhe digo,
Nem vinho nem água pé.
E a promessa, claro é . . .
Que não esqueça.. É também justo.
E isso não foi mais que um susto
Que há-de passar com certeza.

Porque o mal não tem defesa
Para o meu saber robusto.

(em tom de confiança)

✓ Isto fica p'ra si só.
Se aprendeu a oração
Vá dize-la à sua avó,
Mas não diga a seu irmão.
— Não lhe diga, êle não crê
Nas coisas que Deus ensina.
Gosta mais da Medicina,
Porque é ateu, já se vê.

DOENTE (ancioso)

Quando é que me ponho a pé?
Senhor, quando estarei curado?

CURANDEIRO (vago e distante)

Tem fé, amigo, tem fé,
E é já meio caminho andado!

DOENTE (apertando a barriga com as mãos)

Mas que dôr desenfreada!
Ai, senhor Mestre, ai, agora...

CURANDEIRO

(precepitado vai buscar um copo com água e dando-lha faz um
gesto de quem está a benzer)

Vai tomar água benzida
E a dôr vai-se logo embora.

Tome; beba, e isso passa.
Deus de nós se compadece.
Até há-de encontrar graça
Como a dôr desaparece.

DOENTE (afliitíssimo)

Veja lá se se enganou
Na água ou na benzedura.
Queima tal qual a tintura
Aqui por onde passou.
Ai, ai, ai, ai, ai, que dôr,
Valha-me Deus, ai Jesus!
Sinto que me falta a luz.
Ai, que terrível, que horror!

CURANDEIRO (atrapalhado)

Mas... ó senhor, veja lá.
Não me transtorne a cabeça.
Qualquer coisa que aconteça
Não diga que esteve cá.

Será melhor ir, vá, vá
P'ra sua casa depressa.

DOENTE (deixando-se cair numa cadeira)

Mas olha que coisa essa,
Eu não posso sair já.

(torcendo-se com dores e gritando)

Ai que dôr forte, ai que eu morro!
Eu não posso mais! Socorro!!

(foge o curandeiro. Entram três mulheres
do povo alarmadas pelos gritos. Borbori-
nho. Uma delas percorre a casa, inutil-
mente, procurando o curandeiro.)

1.ª VISINHA (sem saber o que fazer dirige-se ao doente)

O que foi que aconteceu?
Mas deu-se alguma desgraça?
Diga o que quer que se faça.
E o Mestre?

DOENTE (falando a custo)

Desapareceu.

2.ª VISINHA (vindo de procurar o curandeiro)

Onde foi que se meteu?
Não está p'ra tirar-lhe a dôr,
Não se encontra em todo o prédio.
Se não há outro remédio,
Vou já chamar o Doutor.

(sai apressadamente)

3.ª VISINHA (falando com a 1.ª)

Não conhece o rapazinho?
O pai já morreu, coitado,
Tinha loja de calçado
Além em baixo, ao cantinho.

1.ª VISINHA

Ah! já sei, já sei quem são.
Sim, o velhote morreu,
Mas do doente, o irmão,
É um descrente, um ateu.

Olha se isto aconteceu,
Não sei se diga... mas digo!
Talvez já fosse castigo
Que este p'lo outro sofreu.

3.ª VISINHA

Sim, sim, o mesmo digo eu.
É herege e de má fama.
É sentença que Deus deu:
Faz a cepa e paga a rama.

2.ª VISINHA (entrando com o Doutor)

Curandeiros um só temos,
E ele curava esta dôr,
Como não está resolvemos
Chamar o senhor Doutor.

DOENTE (procurando impor silencio)

Calem-se façam favor!

MÉDICO (dirigindo-se ao doente)

Então é este o doente?

DOENTE (abatido)

Sim, senhor Doutor, sou eu.

MÉDICO

Diga-me lá, o que sente?
Como foi que aconteceu?

DOENTE

Foi uma dôr que me deu
Na barriga de repente.

MÉDICO (curvando-se para o doente)

Diga-me lá o lugar
Onde dói, não tenha medo.
Aqui onde tenho o dedo?
Diga se a dôr aumentar.

DOENTE

Ai! Ai! devagar.
Senhor Doutor, é ai!

MÉDICO

Pronto, pronto, compreendi,
Não o torno a maguar.

Vamos tem tido soltura?

DOENTE

Muita, sim, senhor Doutor,
E ás vezes sinto um calor...

MÉDICO

Natural, é temperatura.

Recorda-se por ventura
Dalgum comer, bom ou mau,
Antes da dôr aparecer?

DOENTE

Senhor Doutor, nessa altura
Comi eu um bacalhau
Que não puderam comer.
E então comi com fartura.

(tornando a queixar-se)

Mas ainda não passou
Doutor, a dôr não mais finda.
Cada vez doi mais ainda
Aqui onde me tocou.

3.ª VISINHA

Lombrigas digo eu que são.

1.ª VISINHA

Pois eu digo outra doença:
Foi gripe que ele apanhou.

MÉDICO (dirigindo-se à vizinha que não disse nada)

Falta a sua opinião...

2.ª VISINHA

Quem sabe é vossa encelência.

MÉDICO

Poi foi você que acertou,
Talvez seja como pensa.

(preparando uma injeção para o doente)

Vá lá descobrindo o braço.

DOENTE (assustado)

Mas, Doutor, vai-me picar?

MÉDICO

Sim. Não se deve assustar,
Creia que mal não lhe faço.

(injecta o doente)

Agora pouco comer.
Uns caldinhos de galinha
E até mesmo de farinha
Se doutro não puder ser.

(começa a passar a receita)

O que lhe vou receitar
Talvez lhe traga melhoras:
Unas hostias p'ra tomar,
De duas em duas horas.

(dirigindo-se às vizinhas com a receita)

Quem é que o recado faz?

2.ª VISINHA

Eu, e o dinheiro quem dá?

MÉDICO

Deixe isso. Diga ao rapaz
Que eu depois passo por lá

(ao sair)

Basta mandar-me um aviso
Porque já sei onde moras.
... Eu depois volto por cá.
Adeus. Estimo as melhoras.

1.ª VISINHA

Mas a dôr já lhe passou?
Desapareceu por encanto!?
Sim, foi Deus que lhe ajudou,
Um homem só não faz tanto.

3.ª VISINHA

Mas a dôr desapareceu?
Onde estão as suas dores?!
Sim, foi Deus que lhe valeu.
Quais Doutores, nem Doutores!..

1.ª VISINHA

Nem com panos de vinagre.
Nem depois de se benzer.
Isto é coisa de milagre.
Do Doutor pode lá ser!

3.ª VISINHA (encolhendo os ombros)

Eu cá da minha não passo:
Olhe vizinha Maria,
A tal picada no braço
Não passou duma heresia.

DOENTE (levantando-se)

Não façam tantas censuras.
Não vêm que estou melhor,
E com as tais benzeduras
Ia de mal a pior?

IRMÃO DO DOENTE (entrando)

Quem foi que te encaminhou
P'ra aqui? Quem é que aqui mora?

DOENTE (procurando desculpar-se)

Era uma dôr, já passou;
O Doutor saiu agora.

(entre receosas e atrapalhadas as visinhas
saem furtivamente)

IRMÃO (repreensivo)

✓ Não sabes o que fizeste.
Já me disseram lá fora
A pessoa que aqui mora
E o fim p'ra que cá vieste.

(aconselha)

✓ Querido irmão, és muito novo
Se o mundo assim continua
A culpa é minha e é tua
Porque nós somos o povo.
— E o povo a crer na mentira
Dorme num sono profundo,
Sofre um pesadelo eterno,
Que faz com que ele prefira
O inferno deste mundo
Por medo desse outro inferno.